

ATIVISMO ANTIFEMINISTA DE INFLUENCERS CRISTÃS E A TEOLOGIA DA COMPLEMENTARIDADE¹

Brenda Carranza²

Tabata Tesser³

Resumo: Partimos da hipótese de que se consolida, no Brasil, uma militância teológica antifeminista cristã, entendida como produção de conhecimento doutrinal e aconselhamento moral orientado a disputas sociopolíticas, que articula *influencers* católicas e evangélicas. Analisamos um corpus composto por perfis no *Instagram* e *websites* de cinco influenciadoras selecionadas por alcance e centralidade em redes, monitorados entre janeiro de 2024 e agosto de 2025, além de suas obras impressas e materiais catequéticos. O procedimento combinou etnografia digital multisituada e análise de enquadramentos discursivos. Sustentamos que o ideal ultrafeminino de submissão, ordem e “propósito divino” (vocação) é ancorado na Teologia da Complementaridade e/ou Teologia do Corpo, referência central do catolicismo conservador, e atualizado por estratégias de plataforma (monetização, marca pessoal e pedagogias de autoajuda). Argumentamos que esse empreendedorismo religioso reconfigura repertórios de justiça de gênero, sexualidades e corporalidades, incidindo nas controvérsias morais em contexto de polarização. O estudo evidencia convergências interconfessionais e mecanismos de circulação/validação de saberes, contribuindo para compreender como a plataformização transforma a autoridade teológica e a ação política de mulheres conservadoras.

¹ Como citar: CARRANZA, Brenda; TESSER, Tabata. Ativismo antifeminista de influencers cristãs e a teologia da complementaridade. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e150464, 2026.

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, no Brasil. Atualmente, é professora da mesma instituição. E-mail: brendamcarranza@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4757-7205>.

³ Mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Atualmente, é doutoranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo. E-mail: tabatesser@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7615-8080>.

Palavras-chave: Militância antifeminista; Teologia da complementaridade; Influencers; Conservadorismo religioso.

*ANTIFEMINIST ACTIVISM OF CHRISTIAN INFLUENCERS AND THE
THEOLOGY OF COMPLEMENTARITY*

Abstract: We begin with the hypothesis that a Christian antifeminist theological militancy is consolidating in Brazil. This militancy is understood as the production of doctrinal knowledge and moral counseling oriented toward sociopolitical disputes, which brings together Catholic and Evangelical influencers. We analyzed a corpus composed of Instagram profiles and websites of five influencers selected for their reach and centrality in digital networks, monitored between January 2024 and August 2025, in addition to their printed works and catechetical materials. The procedure combined multi-sited digital ethnography and discursive framing analysis. We argue that the ultrafeminine ideal of submission, order, and “divine purpose” (vocation) is anchored in Complementarity Theology and/or Theology of the Body, a central reference point of conservative Catholicism, and updated by platform strategies (monetization, personal branding, and self-help pedagogies). We argue that this religious entrepreneurship reconfigures repertoires of gender justice, sexualities, and corporeality, impacting moral controversies in a context of polarization. The study highlights interfaith convergences and mechanisms of knowledge circulation/validation, contributing to understanding how platformization transforms the theological authority and political action of conservative women..

Keywords: Antifeminist activism; Complementarity theology; Influencers; Religious conservatism.

INTRODUÇÃO

Uma criança some no parquinho do bairro, enquanto a mãe está distraída no celular, fato que marca o início do drama de duas mulheres que encontram os significados profundos do que significa ser mãe, na capital mexicana na qual as ruas revelam cruamente que os corpos são mais que biologia, pois

têm classe e etnia. Nas personagens do livro *Casas Vazias* (Navarro, 2022) emergem a culpa e o desejo como forças antagônicas que soldam sentimentos encontrados. A culpa da primeira personagem, que é mãe, mas por dentro rejeita visceralmente as imposições da maternidade; culpa porque suas aspirações feministas se embatem com as propostas familistas que enaltecem o sacrifício da sua jornada como tributo de amor à prole, que prolonga apenas o nome do pai; culpa ao ser acusada de desnaturada, por descuidar da criança. Já o desejo obsessivo de ser mãe, da outra personagem, que sonha com uma criança na qual possa concretizar a infância feliz que não teve; um bebê que lhe dê sentido à precarização de seu trabalho, à sobrevivência cotidiana. Obsessão que a leva a sequestrar a criança. A vigorosa narrativa nos conduz pelo desespero de ambas as mulheres e nos confronta ao ditame biológico que autoriza à sociedade, à igreja, à família e ao Estado exigir dos corpos de mulheres, fiéis e filhos. No romance de Brenda Navarro são tecidos os destinos de mulheres marcadas pela pobreza, violência e abusos, descritos sem concessões, mas atravessados por intensa poesia. Acompanhamos sua incessante busca por um lugar social e afetivo, bem como as dificuldades de construir identidades em uma cultura que as petrifica em uma classe, em um território e no destino inexorável da maternidade como mandato divino.

Longe dessa prosa ficcional enraizada em *Casa Vazias*, circula nas plataformas digitais uma outra abordagem que nutre ideários femininos do glamour da família tradicional idealizada num passado anglo-estadunidense de ouro, dos anos cinquenta do pós-guerra, representado pelas *tradwifes*. Elas são a expressão da virtuosidade de certa dinâmica do casamento no qual os papéis de cada cônjuge são claramente representados na estética do universo dos bonecos Barbie e Ken. Ela, mulher devotada aos afazeres domésticos, obviamente facilitados por quem tem acesso aos eletrodomésticos e um nível social que lhe permite não precisar completar a renda familiar; ele, o homem provedor, encantado pela criatividade da “rainha do lar”, sempre impecável, cativante porque ajuda nas tarefas do lar, ambos sorridentes (Elmhirst, 2024).

Inspiradas nessa performance de nostalgia, inúmeras mulheres, nos Estados Unidos e no Brasil, passaram a documentar suas atividades de cuidados da casa nas redes sociais, disseminando o orgulho de estarem vocacionadas a serem mães de famílias extensas, fazer de suas casas ou apartamentos ninhos de felicidade por ficarem longe dos vícios da vida moderna, converter o lar em templo e as tarefas de reprodução em rituais *instagramáveis*.

Se, em *Casas Vazias* (Navarro, 2022), as mulheres encontram-se mergulhadas na contradição da subjetividade marcada pela violência à sombra de uma felicidade sempre em fuga e a incerteza da sobrevivência, no universo das *tradwives* a tradição promete uma vida sem contradições. A família, o casal e a esposa tradicional sintetizam o ideal conservador, no qual os papéis sexuais e sociais são rigidamente definidos por uma moralidade heteronormativa, o casamento cultivado como desejo, a submissão como vocação complementar e o divórcio sempre temido (Rosas, 2020). Nesse horizonte, as demandas por direitos reprodutivos não podem ecoar, pois representam ameaça à ordem estabelecida; a diversidade de gênero e as orientações sexuais dissidentes precisam ser contidas pelos diques da visão binária, sob pena de desestabilizar o cânone da moralidade cristã (Biroli, Vaggione e Machado, 2020). Insere-se nesse quadro, portanto, o engajamento político, institucional, partidário e digital como mandato missionário em defesa da família cristã, da moralidade civilizatória ocidental e do patriarcado como eixo de sustentação da hierarquia familiar e, por extensão, do poder social.

Em outros textos, discutimos como a direita cristã se aproxima das afinidades discursivas e retóricas dos grupos conservadores e ultraconservadores e de que maneira seus interesses convergiram no governo de Jair Bolsonaro (2018-2022), galvanizando a militância contrária aos direitos de minorias sociais, étnico-raciais e das comunidades LGBTQIAPN+, além de obter benefícios econômico-financeiros (Carranza, 2022, p. 49-51). O êxito do engajamento antifeminista e da direita cristã brasileira reside, em grande parte, em sua capacidade de capilarizar tais agendas reativas na mídia religiosa – representada por padres e pastores midiáticos, cantores gospel,

blogueiros, *youtubers*, *instagramers*, *coaches*, influenciadores, *sites* e canais digitais, que se tornam referências para o modo de pensar, agir e interpretar o mundo em ambientes religiosos cada vez mais mediados pelas plataformas digitais (Carranza e Cunha, 2024).

Nesse recorte contextual, partimos da hipótese de que está em curso a configuração de uma militância teológica antifeminista cristã⁴, articulando católicas e evangélicas, embora possa ser questionado seu fazer teológico, que é um tipo de produção de conhecimento altamente difundido por meio de plataformas e redes sociais, e monetizado, atualizando com linguagens modernizantes imaginários de virtuosidade e de recato feminino outrora tidos como arcaicos. Sustentamos que o ideal ultrafeminino, ancorado na submissão, na ordem e no chamado “propósito divino” (vocação), encontra sua legitimidade na Teologia da Complementaridade ou Teologia do Corpo, que oferece um arcabouço sistemático das retóricas e performances para atuação das mulheres conservadoras, além de ser referência central para o catolicismo conservador.

O conservadorismo católico pode ser compreendido, à luz de Brenda Carranza (2022), Rodrigo Caldeira (2011) e Marcelo Camurça (2023), Asher Brum e Emerson José Sena da Silveira (2021), como um campo heterogêneo de posições doutrinárias, espirituais e políticas que se estruturam fundamentalmente em oposição às ideias de revolução, progressismo e modernidade, reivindicando a permanência de uma ordem moral, social e religiosa considerada atemporal. Suas raízes históricas remontam ao antimodernismo expresso no *Syllabus Errorum* de Pio IX (1846-1872), à tradição contrarrevolucionária de Joseph de Maistre e ao reacionarismo político da *Action Française*, reverberando, no século XX, em correntes tradicionalistas que tensionaram os desdobramentos do Concílio Vaticano II.

⁴ Declaramos que somos as autoras da formulação integral e inédita do texto, de seu conteúdo, material empírico e análises, tendo o submetido a análise de autoplágio por meio do aplicativo *Plagius*. Para sua redação, contamos com o apoio de I.A. na revisão gramatical, sintática e de estilo.

No Brasil, esse conservadorismo assumiu feições diversas, desde o tradicionalismo mais explícito, como o de Plínio Corrêa de Oliveira e da Tradição, Família e Propriedade, até experiências que se mantiveram formalmente em comunhão com Roma, como a Associação Cultural Montfort e os Arautos do Evangelho, ainda que com críticas recorrentes a aspectos do Vaticano II. Conforme argumentam Camurça, Brum e Silveira (2021), o limite entre conservadores e reacionários é fluido: enquanto os primeiros enfatizam a preservação doutrinária e hierárquica da Igreja, os segundos se manifestam como cruzada mobilizadora diante da percepção de ameaça – do liberalismo, do relativismo cultural, e da (pós)modernidade –, fazendo com que ambas as posições frequentemente se combinem. Essa dinâmica se atualiza no cenário político do ativismo religioso por meio de engajamentos à direita, como aqueles observados no *Opus Dei* e na Renovação Carismática Católica, cujas aproximações com o bolsonarismo evidenciam a tradução política de uma matriz conservadora de longa duração.

Objetivamos evidenciar as referências teológicas e hermenêuticas católicas que sustentam a performance e as produções de duas *influencers* evangélicas (Ana Campagnolo e Cristina Corrêa) e de três comunicadoras antifeministas católicas (Raíssa Chadud, Mariana Brito e Gabriela Lays Saboia), observando-as em seus discursos antigênero, em suas propostas de maternalidade, de leituras bíblicas e espiritualidades. Ressaltamos que, neste texto, não buscamos desconstruir tais argumentos, nem apontar equívocos nas interpretações das categorias acionadas por essas autoras. Nosso argumento baseia-se no monitoramento, entre janeiro de 2024 e agosto de 2025, de perfis no *Instagram* e *sites* de autoras antifeministas, com a codificação de trechos de entrevistas, vídeos e postagens. A nossa análise foi conduzida a partir dos princípios de recorte de rastros (postados nas mídias das autoras), amostragem ecossistêmica (seguimento do fluxo de produção e postagens das autoras em *sites*, redes sociais e textos), triangulação multimodal (captura de telas, monitoramento e observação participante *off-line*), e análise híbrida (sistematização dos traços recorrentes como links e redes acionadas). Além desses procedimentos propostos pela etnografia digital multisituada (Pink

et al., 2016; Cesarino, 2021), incorporamos uma análise das referências dos documentos pontifícios da Teologia da Complementaridade.

Nosso foco está em compreender como subjazem a essas categorias acionadas o arsenal dogmático católico da Teologia da Complementaridade/ do Corpo. É importante ressaltar que, nesta reflexão, a referência a duas ativistas evangélicas tem como propósito ilustrar a nossa argumentação sobre o adjetivo cristão do antifeminismo, isso porque inclui o universo das mulheres evangélicas. Entretanto, as antifeministas evangélicas⁵ apenas são ilustrativas e não objetos de análise deste artigo.

Nessa direção, pretendemos evidenciar que a circulação de saberes performáticos e discursivos de autoajuda das *influencers* cristãs se constitui num modelo de empreendedorismo religioso, endossado pelo Vaticano, trazendo diversos desdobramentos políticos nas disputas das moralidades públicas e na ressignificação dos corpos, das sexualidades e das concepções de justiça de gênero, no contexto de polarização no Brasil contemporâneo.

NOSSO ORGULHO: CATÓLICAS E ANTIFEMINISTAS

Nas últimas duas décadas, a circulação de discursos antifeministas no espaço público brasileiro adquiriu novas configurações, articulando referências religiosas, códigos morais e estratégias de influência digital. Entre as vozes que se destacam nesse cenário, encontram-se mulheres jovens, leigas, que operam majoritariamente fora das estruturas formais da hierarquia eclesiástica, mas que se apresentam como guardiãs da “verdadeira doutrina” e promotoras de uma teologia moral centrada na defesa da família tradicional, na modéstia e no recato feminino. Essas influenciadoras mobilizam redes sociais, cursos online, palestras e eventos para formar um público fiel e engajado, construindo um ecossistema midiático cristão que, embora

⁵ O tema do antifeminismo evangélico é objeto de tese de doutorado em andamento de Tabata Tesser, coautora deste artigo.

fragmentado institucionalmente, atua de forma coordenada na disseminação de valores conservadores.

Como já referimos, nosso estudo faz um recorte de cinco dessas figuras, duas evangélicas e três católicas. Neste momento focamos nas católicas Raíssa Chadud, Mariana Brito, Gabriela Lays Saboia. Ao nos aproximarmos do perfil e da produção de cada uma, podemos observar a especificidade de seus conteúdos e a diferenciação das suas performances.

A primeira, Raíssa Chadud (@raissachadud) reúne cerca de 323 mil seguidores no *Instagram*. Ela é organizadora do curso virtual *Formação Catolicismo na Prática* (FCP), voltado à aplicação da fé no cotidiano, ofertado em formato pago. Sua narrativa combina religiosidade prática, autenticidade de fé e ideais de vida de mulher virtuosa, em chave que reforça a devoção católica a partir de um *ethos* disciplinado e familiar. Sem trajetória acadêmica formal, Chadud se apresenta como escritora, formadora e palestrante católica. Com charme delicado, voz suave e olhar descontraído, ela mobiliza uma proposta pedagógica em seus cursos voltados ao público feminino.

O curso de Chadud é estruturado em três pilares: fé católica (*em que cremos*), vivência da fé (*aplicação prática*) e conquista das virtudes (*amar e servir*), configurando uma síntese catequética e motivacional. Vale referir que a adoção da estrutura retórica dos “três pilares” ou “três leis” inscreve-se na gramática da autoajuda e do *coaching* motivacional, amplamente utilizada no mercado de infoprodutos para facilitar a memorização e conferir aparente objetividade ao conteúdo na internet, fazendo parte de uma técnica de composto de *marketing* desenvolvida por Jerome McCarthy na década de 1960 (Toledo, Nakagawa e Yamashita, 2002, p. 54). Ao ser apropriado por Raíssa Chadud e por outras antifeministas cristãs, esse recurso converte-se em um dispositivo de organização simbólica e pedagógica que combina simplificação didática, promessa de transformação pessoal e ancoragem moral-religiosa.

No curso online *Os Segredos da Alma Feminina*⁶, Raíssa Chadud oferece uma formação voltada a mulheres que desejam “resgatar sua essência feminina” e viver de modo “leve e realizado”, tornando-se “mais seguras e dóceis ao chamado de Deus”. A promessa gira em torno da feminilidade “plena, virtuosa e realizada”, reinterpretada à luz da tradição católica. Já no curso *Catolicismo na Prática*, apresentado como pedagógico-pastoral e apologético, em versão “descomplicada” e breve (“10 minutinhos diários”), Chadud introduz a “Metodologia da Rai”, nomenclatura autoreferenciada de Raíssa, estruturada em três pilares: Espiritualidade e Virtudes, Ordem e Rotina, e Feminilidade e Relacionamento. Comercializado pela plataforma *Hotmart*⁷ por R\$276,00 (ou 12 parcelas de R\$23,00), o curso busca fortalecer a caminhada espiritual das participantes, capacitá-las a rebater críticas à Igreja e a superar vícios ligados à desordem, impureza e imodéstia. O módulo sobre “pureza” aborda a modéstia como “guardiã da castidade” e exalta a humildade feminina como “rainha das virtudes”. Nessa narrativa, modéstia, recato e virtuosidade não são apenas atributos individuais, mas fronteiras identitárias que reforçam uma moral católica em oposição ao feminismo e a discursos seculares sobre gênero e sexualidade.

Além dos cursos, Chadud investe na produção de e-books gratuitos como iscas digitais, estratégia comum no mercado de infoprodutos, mas adaptada aqui para sua proposta pedagógica da moralidade católica. Entre eles estão o *Manual da Modéstia*, que ensina a alinhar vestuário e valores católicos “sem perder a elegância”⁸; o *Checklist da Mulher Virtuosa*, que apresenta as virtudes “que toda mulher deve buscar” (com versão masculina

⁶ Disponível em: https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/hagsxd-segredos-da-alma-feminina-46xm4/Q97074732J?sck=HOTMART_PRODUCT_PAGE. Acesso em: 20/08/2025.

⁷ Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/formacao-catolicismo-na-pratica/M95375054W>. Acesso em: 20/08/2025.

⁸ Todos os e-books estão disponíveis em: <https://raissachadud.com/catolicismonapratica>. Acesso em: 20/08/2025.

para “Homens Virtuoso”); e o *Moodboard de Estilo Feminino*, que sugere combinações de peças (simbologia cromática) para compor um guarda-roupa cápsula modesto e elegante.

No monitoramento de seu *site*, é possível identificar que o público-alvo declarado de Chalub é predominantemente católico, mas o material é também oferecido a protestantes interessados no “processo de conversão” ou em conhecer a Igreja Católica. Nas perguntas e respostas sobre o curso, há a seguinte frase: “Sou protestante, mas quero aprender sobre a Igreja Católica, o curso é para mim?”⁹. A resposta é sim, sinalizando para a fluidez do carácter ecumênico da proposta, anunciando uma prosta cristã, mais do que confessional. Vale destacar que Chadud participou como representante do Brasil no Jubileu dos Missionários Digitais¹⁰, convocado em Roma pelo Papa Leão XIV em julho de 2025, o que a legitima enquanto antifeminista católica em âmbito internacional.

Outra *influencer* antifeminista é a jornalista Mariana Brito Garschagen (@marianabritogarschagen), que atua, por sua vez, como criadora de conteúdo digital, esposa e mãe, articulando sua performance pública a valores ligados à tradição católica. De acordo com Daniela Silva Agendes (2023, p. 203), as postagens de Mariana Brito reafirmam os papéis tradicionais de gênero e suas narrativas digitais mobilizam hierarquias de importância em torno da maternidade e do casamento, reforçando padrões sociais conservadores que sustentam o discurso antifeminista. Curiosamente, Brito reforça seu discurso de forma conjugal, pois é casada com o cientista político Bruno Garschagen, conhecido consultor político, antifeminista e conservador¹¹.

⁹ Disponível em: <https://raissachadud.com/catolicismonapratica/>. Acesso em: 20/08/2025.

¹⁰ Disponível em: <https://www.digitalissmissio.org>. Acesso em: 21/08/2025.

¹¹ Garshagen é sócio da TSA Advogados, na área de consultoria de inteligência política, e cofundador com Brito da empresa B&M Treinamento Intelectual. Construiu sua carreira digital em torno da crítica ao feminismo. Disponível em: <https://www.instagram.com/bgarschagen/>. Acesso em: 22/08/2025.

Convertida ao catolicismo aos 14 anos, após uma adolescência na qual se declarava atea, Mariana Brito passou a se identificar com o ateísmo, militando em fóruns do Orkut e inspirando-se em autores como Richard Dawkins e Carl Sagan, num período em que buscava respostas racionais para questões existenciais. Ela não nasceu numa família cristã e cresceu em um ambiente religioso mais diverso, no qual sua mãe transitava entre diferentes tradições, de igrejas pentecostais a centros espíritas e terreiros. A autora narra sua trajetória de conversão ao catolicismo em espaços como o *SantoFlow Podcast*¹², afirmando:

Quando eu tinha 18 anos, meu avô materno estava muito doente [...] [e] passei muito tempo com ele no hospital. [...]. [Morreu] [...]. Um amigo me deu um livro chamado *A Mulher*, de Edith Stein. [...]. Nesse livro, ela fala sobre o papel da mulher na sociedade. Descreve de uma forma muito bonita, a feminilidade na sua essência mais divina, fala sobre maternidade [...] [e quando] fui pesquisar, descobri que ela era santa da Igreja. Descobri a história dela, que tinha vivido algo parecido com o que eu estava vivendo: o confronto de ter se tornado atea e depois encontrar as respostas na fé católica.¹³

Essa é a tônica das intervenções no podcast, sustentadas na autoridade discursiva e na experiência pessoal de mudança por meio de “testemunhos” que explicitam sua cosmovisão. A atuação de Brito, da mesma maneira que a de Chalub, se desdobra em três principais frentes: o *Clube de Leitura Mariana Brito*¹⁴, o curso *Desconstruindo o Feminismo*¹⁵ e a *Mentoria Caminho*¹⁶.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tcBgTPRxvQ&t=2s>. Acesso em: 25/08/2025.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tcBgTPRxvQ>. Acesso em: 22/08/2025.

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/clubemarianabrito/>. Acesso em: 22/08/2025.

¹⁵ Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/desconstruindo-o-feminismo/G59187772Y>. Acesso em: 22/08/2025.

¹⁶ Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/mentoria-caminho-por-mariana-brito/T99575283D>. Acesso em: 22/08/2025.

Sob o lema “o maior clube de leitura do Brasil”, o clube de Brito, criado em 2019, propõe um percurso anual de estudos sobre correntes ideológicas como esquerda, direita, nazismo, fascismo, comunismo, liberalismo, conservadorismo, marxismo, progressismo e feminismo, a partir de uma curadoria de livros e autores considerados referência no campo conservador¹⁷. Já o curso *Desconstruindo o Feminismo*, comercializado inicialmente por R\$864,00 e posteriormente por R\$397,00 na plataforma *Hotmart*, conta com mais de 9.300 estudantes e oferece 48 aulas originais¹⁸. Nele, Brito afirma fornecer uma “base histórica” para revelar “quem realmente são as pessoas que as feministas idolatram” e explicar cada uma das três “fases” do feminismo, buscando equipar seu alunado para “lutar contra o feminismo” em diferentes contextos, de adolescentes a pais de família.

O programa inclui um módulo específico sobre feminismo e religião, abordando questões como a compatibilidade entre feminismo e cristianismo, a submissão feminina à luz da Bíblia e a associação do feminismo a práticas como bruxaria e misticismo. Ao se referir às conquistas femininas, Mariana Brito organiza suas falas em forma de aulas temáticas: “Aula 1 – 8 de março – Dia Internacional da Mulher: não, não foi assim”; “Aula 2 – Graças ao feminismo, a mulher pode escrever, estudar, dirigir, viajar, usar calça e pílula anticoncepcional?”; “Aula 3 – Afinal, as mulheres devem tudo ao feminismo?”. Nessas exposições, ela questiona a narrativa de que os avanços femininos seriam resultado direto das lutas feministas e sugere, em contrapartida, que tais direitos foram alcançados sobretudo pela “pressão histórica dos homens” (Brito, 2025). A estratégia de disseminação de seus conteúdos se dá por meio

¹⁷ Na literatura proposta, encontramos: C. S. Lewis, *O Problema da Dor*; Pe. Frederick William Faber, *Progresso na Vida Espiritual*; Thomas More, *A sós, com Deus*; Edith Stein, *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*; Alice von Hildebrand, *O privilégio de ser Mulher*.

¹⁸ Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/desconstruindo-o-feminismo/G59187772Y>. Acesso em: 23/08/2025.

de entrevistas sob o mote “grandes mulheres”, equacionadas à sua visão. As entrevistadas somam-se ao raio de ação antifeminista.

No estilo de *coaching* espiritual, Mariana Brito organiza a *Mentoria Caminho*¹⁹ em um tom híbrido que combina espiritualidade, autoajuda e desenvolvimento pessoal. Com temas como autoconhecimento, gestão emocional, resiliência, hábitos saudáveis, harmonia familiar e profissional e “conexão genuína com a vida espiritual”, a autora articula conselhos práticos a um enquadramento moral-religioso. Utiliza frases de impacto típicas da literatura de autoajuda, assegurando a valorização da clareza de identidade e propósito, o incentivo ao autoconhecimento e à fortaleza interior para enfrentar crises, o estímulo à coragem e à autoconfiança, além de enfatizar a gestão emocional como chave de suas orientações femininas. Ao tratar da resiliência feminina, apresenta ferramentas concretas, como a construção de hábitos saudáveis ancorados em disciplina e organização, sempre vinculados à vida espiritual, mas sem recorrer a caricaturas. Em seu conjunto, Brito propõe que a harmonia entre vida familiar e profissional, equilibrando os papéis de mãe, esposa e profissional, constitui a forma legítima de compreender o chamado pessoal e a vocação feminina, por meio do uso adequado de talentos e habilidades. Esse modelo de aconselhamento reforça o imaginário católico de uma mulher “equilibrada, disciplinada e vocacionada” para papéis familiares tradicionais, ao mesmo tempo em que dialoga com o discurso contemporâneo de realização pessoal.

Diferentemente de Mariana Brito e Raíssa Chadud, a militância antifeminista de Gabriela Lays Saboia emerge de sua formação como historiadora e de sua proximidade com Ana Campagnolo. Com pouco mais de três mil seguidores, ocupa ainda o espaço de uma *proto-influenciadora*, mas sua visibilidade recente foi ampliada pela participação no livro *Não Existe Feminista Cristã* (2025), no qual assina um capítulo que a conecta a uma rede mais ampla de produção e difusão da teologia antifeminista no Brasil. Professora

¹⁹ Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/mentoria-caminho-por-mariana-brito/T99575283D>. Acesso em: 22/08/2025.

de História Medieval, Saboia combina religiosidade, referências históricas e espiritualidade em sua linguagem de divulgação, apresentando-se digitalmente sob o nome #Resgatedebeleza. Identifica-se como esposa, católica, historiadora e escritora, com especialização em temas de espiritualidade, o papel da mulher cristã no medievo, as crônicas, os bestiários e, em especial, a vida e a obra da santa alemã Hildegarda de Bingen (1098-1179)²⁰.

Entre as iniciativas de Saboia estão a organização semanal de um terço em latim, a curadoria do *e-book 30 Melhores Receitas Naturais de Santa Hildegarda* (de autoria de Carol Bauermann), vendido a R\$49,00, e a produção do boletim digital *Resgate da Beleza* na plataforma *Substack*, onde aborda conservadorismo católico e cosmovisão medieval²¹. Ao tratar de figuras como a santa Hildegarda, a autora mobiliza uma retórica que projeta sobre a Igreja uma identidade feminina ferida, mas em processo de cura. Nesse ideário, a mulher cristã é apresentada a partir de um imaginário medieval que, como observa George Duby (1997), só pode ser rigorosamente apreendido por meio de escritos produzidos por homens para serem declamados publicamente, impondo imagens exemplares do que “deveria ser” a sociedade, mais do que retratos de sua realidade.

Ao reconstruir o imaginário medieval, Saboia aposta no cerne do *Projeto Viriditas*, no qual Santa Hildegarda surge como referência central com o “objetivo de desmistificar sua medicina, a cosmovisão medieval e as sutilezas naturais, resgatando a sabedoria da tradição cristã medieval” (Saboia, 2025). Nessa perspectiva, a cosmovisão hildegardiana é vinculada à criação divina

²⁰ Hildegarda de Bingen era monja beneditina, mística, compositora, médica e escritora. Reconhecida por vasta produção intelectual, deixou obras de teologia, medicina natural, música sacra e correspondência pastoral. Canonizada em 2012 pelo papa Bento XVI e proclamada Doutora da Igreja no mesmo ano, é considerada uma das maiores figuras femininas da Idade Média cristã.

²¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/farmaciahildegardianna/>. Acesso em: 22/08/2025

e apresentada como uma forma de ciência cristã, medicina e cura²². Com essa proposta, Gabriela Saboia aproxima-se de um nicho de influenciadoras católicas que articulam espiritualidade e consumo religioso por meio da comercialização de produtos artesanais, fitoterápicos e cosméticos “inspirados em santos curadores”, consolidando sua posição no mercado digital no campo da saúde e no catolicismo conservador.

ATIVISMO ANTIFEMINISTA NOS MOLDES EVANGÉLICOS

Do universo evangélico pinçamos duas antifeministas evangélicas, Cris Corrêa e Ana Campagnolo, que disputam visões antifeministas com o público cristão (mais amplo) e um discurso mais secular, como veremos. Com posição singular no ecossistema antifeminista cristão brasileiro, a Campagnolo conta com 1,4 milhão de seguidores no *Instagram* e é reconhecida como a deputada estadual mais votada da história do Estado de Santa Catarina, com 196.571 votos nas eleições de 2022²³. Professora de História, escritora, casada com um policial militar católico e mãe, Campagnolo assumiu em 2024 a presidência do Partido Liberal Mulher em Santa Catarina, liderando, ao lado de Michelle Bolsonaro, formações para candidatas a vereadora e prefeita. Sua presença pública articula projeção político-partidária, produção editorial e influência digital, integrando redes nacionais e transnacionais – como a parceria com Rita Matias, deputada antifeminista do partido Chega, de Portugal –, que a posicionam como um nó central na articulação de agendas antigênero e conservadoras²⁴.

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/prof.carolbauermann/>. Acesso em: 22/08/2025.

²³ Disponível em: <https://www.tre-sc.jus.br/eleicoes/eleicoes-gerais-2022/resultados-do-1o-turno/votacao-do-candidato-por-secao>. Acesso em: 20/08/2025.

²⁴ Disponível em: https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/radioal/noticia_single_radioal/deputada-lanca-livro-que-critica-movimento-feminista>. Acesso em: 28/08/2025.

Da intensa trajetória da convertida evangélica Ana Campagnolo, destacamos que sua atuação pública se caracteriza por um confronto com a academia²⁵, a partir do qual ela inaugura seu primeiro canal no *You Tube*, o Vlog de Campagnolo, com o lema “livros que ninguém indica nas universidades”, evidenciando sua estratégia de posicionar-se como voz dissidente no meio acadêmico. Em 2021, lançou o *Clube Antifeminista*, hospedado na plataforma *Cursos Logy* e descrito como “à prova do cancelamento”²⁶. O projeto funciona como um espaço formativo antigênero, no qual encontramos alusões que constroem uma gramática e uma estética próprias da “feminilidade”. Nos cursos pagos sobre casamento e maternidade, a proposta é apresentada nos seguintes termos:

[quem são] as principais expoentes do feminismo e quais seus livros e conceitos principais, quais foram os homens por trás de cada estratégia da revolução sexual, de onde vem o dinheiro das organizações feministas, quais são as falácias abortistas e antifamília mais perigosas, como combater a ideologia de gênero e as grandes mentiras sobre conquistas femininas (Campagnolo, 2021).

O curso é anunciado como destinado a “qualquer homem ou mulher que desconfia que há algo de errado com o movimento feminista e deseja ter clareza, firmeza e convicção sobre o que argumentar e como se defender”²⁷. A monetização da plataforma, combinada à criação de uma comunidade fechada, insere Campagnolo na lógica contemporânea de influenciadoras digitais, mas com um diferencial estratégico: sua posição parlamentar lhe

²⁵ Em 2013, ingressou no mestrado na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com o projeto “Virgindade e Família: mudança de costumes e o papel da mulher percebido através da análise de discursos em Inquéritos Policiais da Comarca de Chapecó (1970-1988)”, orientado pela Profa. Dra. Marlene de Fáveri. Após reprovação na banca de qualificação envolveu-se em disputa judicial com a ex-orientadora, sob a alegação de não fundamentar sua pesquisa em bases científicas adequadas.

²⁶ Disponível em: <https://cursology.com.br/curso/feminismo>. Acesso em: 25/08/2025.

²⁷ Disponível em: <https://cursology.com.br/curso/feminismo>. Acesso em: 25/08/2025.

garante acesso a recursos, visibilidade institucional e capacidade de articulação política que transcendem o alcance individual das antifeministas até aqui descritas.

A produção editorial da religiosa-parlamentar inclui: *Feminismo: perversão e subversão* (2018), onde estabeleceu as bases de sua crítica moral e histórica ao movimento feminista; o *Guia de Bolso Contra as Mentiras Feministas* (2021), produção discursiva voltada ao enfrentamento direto de narrativas feministas; e a coletânea *Não Existe Feminista Cristã* (2025). Ela também é promotora de Conferências Antifeministas, que funcionam como eventos de difusão e consolidação dessa rede político-religiosa. Em conjunto, esses títulos e eventos operam como dispositivos de difusão ideológica, sustentando seu lugar como principal intelectual orgânica do antifeminismo cristão no Brasil²⁸ (Tesser, 2022).

A outra evangélica antifeminista é Cris Côrrea, que conta com 120 mil seguidores no *Instagram* e construiu sua visibilidade digital a partir da formulação de uma proposta sistemática de “estudos antifeministas” no Brasil. Em 2020, fundou o *Grupo de Estudos Não Existe Feminista Cristã* (GPE)²⁹, que daria o título ao livro de Campagnolo em 2025, no qual também tem participação. O GPE é inteiramente *online*, sem qualquer vínculo acadêmico, e conta com turmas semestrais dedicadas a analisar o antagonismo entre “cristianismo e feminismo”. Nesse curso livre, Corrêa reivindica a autoria do primeiro método latino-americano voltado a examinar os discursos feministas. No chamamento ao curso, ela escreve:

Na verdade, o feminismo é uma ideia de liberdade que escraviza. O discurso de empoderamento está constantemente impondo às mulheres que elas sejam

²⁸ Disponível em: https://www.encontro2022.anpocs.org.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czoNToiYToxOntzOjEyOiJJRF9BVElWSURBREUzO3M6MjoiNzIiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiNGZhZjU0NDM4MmU2ZTY4NzY5ZmI1ZWJiYWZmY1NmMiO30%3D&ID_ATIVIDADE=72. Acesso em: 20/08/2025.

²⁹ Disponível em: <https://cristianecorrea.com.br/lista-grupo-de-estudos/>. Acesso em: 20/08/2025.

autossuficientes, mas, naturalmente, nossa essência foge disso. É quando o conflito começa. Aquelas que não têm um porto seguro na fé, quando se encontram totalmente perdidas e sem rumo, acabam abraçando esse novo padrão de mulher. Confusas e amargas tornam-se desequilibradas³⁰.

Sua narrativa combina a linguagem de militância cultural com a afirmação de pioneirismo e exclusividade, posicionando-se como “a principal referência no tema no país” e como consultora para trabalhos acadêmicos nas áreas de jornalismo e comunicação. A inserção de Corrêa no ecossistema antifeminista é reforçada pela proximidade com Campagnolo, co-assinando o *Guia de Bolso Contra as Mentiras Feministas* (2021). Corrêa participou como palestrante nos lançamentos do livro em espaços legislativos, na Assembleia Legislativa de Santa Catarina (ALESC)³¹, eventos que interpreta como “marcos” na “quebra da hegemonia feminista no debate público”. No plano comercial, Corrêa mantém a plataforma *A Comunidade Secreta*³², que oferece cursos, jornadas e conteúdos sobre política, fé e cultura, afirmando:

Descubra um Novo Olhar sobre Feminismo e Cristianismo. Agora, você pode explorar e compreender o antagonismo entre essas duas forças históricas. Acesso ilimitado a todo o conteúdo disponível na plataforma. Fortaleça seus princípios com conhecimento aprofundado e reflexões essenciais³³.

A assinatura, vendida por R\$570,00 à vista ou 12 parcelas de R\$47,50, garante acesso à *Linha de Estudos Não Existe Feminista Cristã*, incluindo aulas e atualizações exclusivas. A proposta combina conteúdo doutrinário, que articula leitura bíblica e catequese moral com crítica ideológica, a um

³⁰ Disponível em: <https://cristianecorrea.com.br/secrets/>. Acesso em: 7/09/2025.

³¹ Disponível em: https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/noticia_single/assembleia-sedia-o-1-congresso-antifeminista-de-santa-catarina. Acesso em: 21/08/2025.

³² Disponível em: <https://cristianecorrea.com.br/secrets/>. Acesso em: 7/09/2025.

³³ Disponível em: <https://cristianecorrea.com.br/secrets/>. Acesso em: 7/09/2025.

formato de comunidade fechada, reforçando um sentimento de pertencimento antifeminista e engajamento militante.

Embora protestantes, os discursos de ambas evangélicas se aproximam de setores católicos conservadores, compartilhando pautas, eventos e estratégias de mobilização, especialmente no combate às agendas de gênero, sexualidade e direitos reprodutivos. Como podemos perceber, nos cursos e materiais que produzem, essas antifeministas cristãs articulam uma pedagogia da feminilidade que associa recato, modéstia e virtude ao cumprimento de um ideal de mulher dócil, discreta e submissa, em oposição a concepções feministas de autonomia e emancipação. Ao mesmo tempo, reforçam a centralidade do papel das mulheres como guardiãs da moralidade doméstica e como educadoras dos filhos na fé, atribuindo-lhes um lugar estratégico na manutenção de um projeto cultural e religioso de longo prazo. A seguir, apresentamos como nessa militância subjazem princípios da teologia da complementaridade, cara aos grupos conservadores.

VOCACIONADAS PARA A COMPLEMENTARIDADE

A proposta pedagógico pastoral e apologética prometida na militância antifeminista cristã gira em torno do que a Raíssa Chadud denomina de três pilares: espiritualidade e virtudes, ordem e rotina, e feminilidade e relacionamentos. Inspiradas na “metodologia Rai” se propõem disciplinar a vivência da fé e a conquista da virtuosidade feminina. Tanto Mariana Brito e Gabriela Saboia quanto Cristiane Corrêa e Ana Campagnolo cultivam, por meio de suas performances e conteúdos, o imaginário da complementaridade do homem e da mulher nas relações sociais, domésticas e sexuais.

Esses são alguns dos elementos estruturantes da visão teológica da complementaridade, sistematizada no pontificado de João Paulo II (1978-2005), sob o nome de Teologia do Corpo. Ao mobilizar o argumento da complementaridade sexual entre homens e mulheres, essa teologia naturaliza como mandato divino a hierarquização dos papéis da sexualidade humana,

construídos histórica e socialmente, sacralizando, assim, as desigualdades de poder como determinadas por Deus. Soma-se a essa visão a oposição direta às teologias feministas, que propõem a releitura crítica das tradições religiosas a partir da denúncia das desigualdades de gênero (Lavaggi, 2008, p. 452) reverberadas nas campanhas antigênero.

A doutrina da complementaridade, como também pode ser nomeada, começou a ser esboçada quando o Papa Pio XII (1939-1958) dirigiu seu discurso à juventude católica, em 24 de abril de 1943, criticando a figura da mulher moderna e exaltou a idealização da mulher católica do passado. De acordo com o Papa, essa mulher do passado apreendia com a mãe “os labores femininos, os cuidados e negócios da casa” e participava da criação dos irmãos menores “[...], desenvolvendo as forças, o engenho e instruindo-se na arte e no governo do lar”³⁴. Conforme Maria Olívia Dias (1999, p. 358), Pio XII dedicou-se à definição dos chamados “deveres sociais da mulher católica”, pois para ele era um “péssimo abuso” obrigar as mulheres a trabalhar fora de casa por conta da insuficiência do salário paterno e ou do cônjuge. Segundo essa lógica, as mulheres deveriam se circunscrever à família e às tarefas do lar. Vale destacar que até hoje ecoam, entre grupos conservadores católicos como os Templários de Maria e o *Salus in Caritate*³⁵, a promoção da “modéstia católica” enquanto padrão cultural e estético.

Mas podemos dizer que a teologia ou doutrina da complementaridade só será tematizada nos pontificados de João Paulo II (1978-2005) e Bento XVI (2005-2013). O primeiro promoveu uma mudança discursiva significativa na doutrina tradicional da Igreja sobre a ordem sexual, tornando paradigmática a Teologia do Corpo (Junqueira, 2022, p. 108), a qual seria sistematizada na carta apostólica *Mulieris Dignitatem* (1988), na *Lettera alle famiglie Gratissimam Sane* (1994) e na encíclica *Evangelium Vitae* (1995).

³⁴ Ver artigo “O papel da Mulher na Família, na Sociedade e na Igreja nos Documentos Pontifícios de Leão XIII a João Paulo II” de Maria Olívia Dias (1999).

³⁵ Ver artigo “Femininas, modestas e antifeministas: o ativismo on-line de mulheres católicas tradicionais” de Jaqueline Sant’ana Martins dos Santos (2024).

Esse esforço discursivo se debruçou na interpretação teológica de uma passagem do livro do Gênesis – “*Ele os criou homem e mulher*” (Gn 1, 27) –, e é central para a constituição da Teologia do Corpo. Essa interpretação busca uma dimensão secular da dignidade humana e estabelece um diálogo com os direitos humanos “seculares”, adotando a complementaridade sexual como fundamento para a convivência social das mulheres a partir de uma doutrina especificamente criada no século XX: a antropologia cristã (Junqueira, 2022, p. 111).

Sob os fundamentos filosóficos católicos, especialmente de Dietrich von Hildebrand e Edith Stein, cujas obras são amplamente divulgadas nas livrarias virtuais Kiron e Ecclesiae³⁶ e na plataforma de Campagnolo³⁷, o papa Bento XVI refinará a antropologia cristã, para a qual os sexos são concebidos de forma diferentes, mas de maneira complementar (Garbagnoli, 2014). Nessa perspectiva, entre os atributos que definem as diferenças entre homens e mulheres, destaca-se, para as mulheres, o “amor materno” como principal característica associada à sua anatomia específica e procriação, enquanto que para os homens, é enfatizada uma psicologia de virilidade, objetividade e proatividade decorrente da anatomia masculina.

Vale destacar que a antropologia da complementaridade representa uma mudança discursiva em relação à visão de Pio XII, pois as mulheres não são mais definidas a partir da subordinação masculina, mas a partir da subordinação recíproca, denominada de “submissão de duplo grau”. Isto é: homens e mulheres são complementares, sendo diferentes em sua funcionalidade biológica e detentores de atributos de feminilidade e masculinidade (definidos pela doutrina católica), porém iguais na dignidade (Garbagnoli, 2014 p. 256).

³⁶ Disponível em: https://livrariacampagnolo.com.br/index.php?route=product/author&author_id=464. Acesso em: 05/09/2025.

³⁷ Disponível em: <https://ecclesiae.com.br/combo-edith-stein-ecclesiae?srltid=AfmBOoq-LY0zocEy2rKY2lkygyOMvEPe39IDd5D8JFkv06t3dplpDeVc>. Acesso em: 05/09/2025.

Evidentemente, subjaz nessa abordagem uma visão binária sobre as diferenças biológicas (encaminhadas sempre para a reprodução) que se estendem para todas as dimensões da vida social, intelectual, psicológica e espiritual. Daí resulta que pode-se definir a pré-existência de um modo de ser homem-mulher ou feminino-masculino ancorado na corporeidade, na qual racionalidade, proatividade e autonomia caracterizam o homem-masculino, enquanto que passividade, intuição, emoção e interioridade são o mulher-feminino. É essa dualidade que perpassa os discursos sobre modéstia, recato e virtuosidade feminina das antifeministas Chadud, Brito, Saboia, Corrêa e Campagnolo, frisando que homens “por natureza” são impulsivos, arrolhados e voltados para o mundo em sua construção, enquanto mulheres têm uma “tendência natural” a serem aquelas que cuidam, harmonizam relações, intermediam e administram a agressividade masculina.

A teologia do corpo, fundamentada na doutrina binária, fará parte do repertório de uma “nova evangelização” galvanizada por João Paulo II (Carnac, 2013; Gugletot, 2016) e implementada na agenda política das campanhas antigênero de Bento XVI e de Francisco (2013-2025). Por isso, o foco do Vaticano é formular o gênero como problema e seus efeitos a serem combatido, pois:

Nestes últimos anos têm-se delineado novas tendências na abordagem do tema da mulher. Uma primeira tendência sublinha fortemente a condição de subordinação da mulher, procurando criar uma atitude de contestação. A mulher, para ser ela mesma, apresenta-se como antagonica do homem. Aos abusos de poder, responde com uma estratégia de busca do poder. Um tal processo leva a uma rivalidade entre os sexos, onde a identidade e o papel de um são assumidos em prejuízo do outro, com a consequência de introduzir na antropologia uma perniciosa confusão, que tem o seu revés mais imediato e nefasto na estrutura da família (Carta aos Bispos da Igreja Católica, 2004, § 2).

Ao assumir como ameaça de alcance global a categoria do gênero, os documentos pontifícios atualizaram, entre os grupos religiosos conservadores, o debate essencialista sobre o papel da mulher e a maternidade como

elementos-chave da identidade feminina (Miskolci e Campana, 2017, p. 726), autorizando assim a defesa desses princípios tidos como universais e referentes aos direitos humanos. Entretanto, nessa cruzada pontifícia, também se destaca o papel de mulheres e teólogas conservadoras que contribuíram na formulação e disseminação dessa teologia do corpo, consolidando os elementos de uma teologia antifeminista³⁸. Dentre essas produtoras de conhecimento antifeminista, na linha teológica, destacamos três personagens que emergem num contexto de fortes embates entre ativistas feministas que “conseguiram legitimar a categoria gênero com sua inserção em documentos das conferências sociais da ONU” (Machado, 2020, p. 272).

A primeira expoente do discurso da complementaridade é a jornalista norte-americana Dale O’Leary (1998), que se apresenta como mãe de quatro filhos e avó de doze netos. Editora da revista *The Facts*, vinculada ao *Catholic Family & Human Rights Institute*, fundado em 1997 e hoje denominado *Center for Family & Human Rights (C-Fam)*, O’Leary ganhou notoriedade nas campanhas antiaborto nos Estados Unidos, sobretudo por adotar uma linguagem “secularizada”. Sua projeção ampliou-se com a publicação do livro *The Gender Agenda: Redefining Equality* (1997), no qual se consolidou como representante da linha da complementaridade. Nessa obra, defende a maternidade como vocação e direito das mulheres, além de cunhar o termo “ideologia de gênero”, argumentando que o feminismo de gênero teria sido introduzido por agências globais sob influência de um movimento radical neomarxista, com o objetivo de desestabilizar a família tradicional e apoiar a promiscuidade (Melo, 2024, p. 174).

Segundo a própria O’Leary (1998), em sua leitura das *Conferências da Mulher* de 1995, os palestrantes rotularam como “fundamentalistas” os

³⁸ Como parte da promoção da teologia antifeminista católica, o Pontifício Conselho para a Família publicou em 2002 o documento *Lexicon: Termos Ambíguos e Discutidos sobre Família, Vida e Questões Éticas*. Com 103 artigos escritos por 70 especialistas de diversos países, a obra constitui uma estratégia apologética e aborda temas como sexualidade, bioética, gênero, direitos reprodutivos e identidades sexuais.

católicos, evangélicos pró-vida e todos os que defendiam a complementaridade entre homens e mulheres ou sustentavam a maternidade como vocação especial das mulheres. O ativismo antifeminista católico de Dale O’Leary é primordial porque, conforme aponta a pesquisadora Maria das Dores Campos Machado (2018), muitas das suas considerações teológicas influenciaram diretamente as formulações discursivas posteriores adotadas pela Santa Sé.

A segunda mulher católica a se destacar por sua posição explicitamente contrária ao feminismo é a teóloga alemã Jutta Burggraf (1952-2010), vinculada ao departamento de Teologia Dogmática da Universidade de Navarra e membro do movimento católico conservador *Opus Dei*. Autora de doze publicações entre livros, prefácios e epílogos (Junqueira, 2022, p. 114), sua produção insere-se no que Verónica Gago³⁹ (2019) denomina de “contraofensiva eclesial”: uma reação teológica às formulações de gênero. Como observa Lilian Sales (2021), a autora retoma os escritos de Joseph Ratzinger (papa Bento XVI) para reforçar o ponto de atrito com o feminismo, segundo a perspectiva vaticana: a reivindicação da “igualdade entre os sexos”, e não apenas da igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Filosoficamente, Burggraf identifica Simone de Beauvoir como sua principal adversária, por supostamente desvalorizar aquilo que considera essencialmente feminino: a maternidade. Para Burggraf a maternidade constitui o núcleo do que denomina “maternidade espiritual”, um dom intrínseco a todas as mulheres, inclusive àquelas que não são mães, já que nelas existia uma predisposição natural ao cuidado, à solidariedade e à sensibilidade às necessidades dos outros (Burggraf, 2003 *apud* Sales, 2021, p. 2). Suas obras são difundidas amplamente no circuito editorial do catolicismo conservador e divulgadas em lojas virtuais no Clube Antifeminista de Ana Campagnolo.

Por fim, a terceira mulher será a teóloga e filósofa católica de origem belga Alice von Hildebrand (1923-2022). Viúva do também filósofo católico

³⁹ Disponível em <https://nuso.org/articulo/cartografar-contraofensiva-o-espectro-do-feminismo/>. Acesso em: 10/06/2026.

Dietrich von Hildebrand, influenciado por Edmund Husserl e Max Scheler, figuras centrais na tradição fenomenológica e no pensamento do personalismo cristão que marcaria, posteriormente, a teologia de Bento XVI. Alice von Hildebrand lecionou filosofia no *Hunter College* e é autora de obras como *O Privilégio de Ser Mulher* (2013) e *Man and Woman: A Divine Invention* (2022).

Esses livros são amplamente promovidos por livrarias católicas carismáticas e tradicionalistas, como da comunidade católica Shalom e a Ecclesiae, além de figurarem à venda na livraria virtual da evangélica Ana Campagnolo. O livro *O Privilégio de Ser Mulher* também é comercializado pelas mesmas redes de influência religiosa tradicionalista e aparece como leitura recomendada no Clube Antifeminista. Ao divulgar sua vida e obra, influenciadoras católicas antifeministas com atuação nas redes sociais, como Camila Abadie, destacam que Hildebrand teria se dedicado a “desmascarar a terrível mentira do feminismo” e as modas ideológicas contemporâneas por meio de seus escritos⁴⁰.

Embora tenhamos ressaltado, no início do texto, que o antifeminismo evangélico não é foco de reflexão aqui, podemos nos perguntar: por que antifeministas evangélicas, situadas em campos teológicos historicamente distantes e, por vezes, abertamente antagônicos ao catolicismo, recorrem com tanta frequência a teólogas e autoras católicas como referências centrais de seus discursos antifeministas? O que se observa, nesse ponto, é a constituição de um match teológico inédito e estratégico entre matrizes católicas e evangélicas em torno de uma gramática comum do “ser mulher”, estruturada a partir das noções de feminilidade, complementaridade sexual e hierarquia moral dos gêneros. Nesse arranjo, o catolicismo fornece um arcabouço doutrinário, dogmático e bioético robusto, especialmente no que se refere à sexualidade, à reprodução e à família, enquanto setores evangélicos operam um processo de tradução e secularização desse discurso, deslocando-o de uma linguagem explicitamente teológica para registros aparentemente neutros,

⁴⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6oQcC5gFKX/>. Acesso em: 05/09/2025.

como a valorização da virtude, do propósito individual, da excelência moral e do autocontrole. Essa circulação permite identificar que o antifeminismo cristão extrapola o campo religioso estrito e adentra espaços mais amplos da cultura, do mercado editorial, do *coaching* motivacional e do debate público.

Um dos êxitos centrais dessa estratégia de secularização reside justamente na capacidade de converter categorias religiosas em argumentos com pretensão secular, fenômeno esse que Machado (2018) identifica ao analisar como setores cristãos transformaram o discurso da chamada “ideologia de gênero” em uma gramática capaz de impactar políticas públicas e arenas institucionais. Como a autora observa, os intelectuais cristãos engajados nessa disputa simbólica compreenderam que a nova cruzada antigênero não poderia se sustentar apenas em fundamentos confessionais, sendo necessário buscar legitimidade no campo científico, apropriando-se da noção de ideologia como mistificação ou falseamento da realidade para confrontar a gramática de gênero desenvolvida pelos feminismos (Machado, 2018, p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No aniversário de trinta anos do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas (PAGU/Unicamp)⁴¹, o Grupo de Gênero, Religião e Poder do Laboratório de Antropologia da Religião (GREPO-LAR/Unicamp)⁴², organizou a mesa *Gênero e Projetos de Poder Político-religioso*. Das diversas ideias apresentadas e debatidas, destacamos duas: o antifeminismo cristão como uma força política do conservadorismo e os conhecimentos que os grupos conservadores cristãos produzem como relevantes⁴³.

⁴¹ Mais informações sobre o evento estão disponíveis em: <https://www.pagu.unicamp.br/seminario/>. Acesso em: 31/08/2025.

⁴² <https://www.larunicamp.com.br/> Acesso: 6/08/2025.

⁴³ A mesa foi integrada por: Brenda Carranza (Unicamp), Juan Marco Vaggione (Universidad de Córdoba/Argentina), Maria das Dores Campos Machado (Universidade Federal

Em consonância com essa trilha analítica, consideramos que o ativismo antifeminista, católico e evangélico se insere num espectro político mais amplo que, de acordo com Flávia Biroli, Machado e Juan Marco Vaggione (2020), é marcado pela desconstrução de direitos adquiridos e/ou retrocessos democráticos, no qual o protagonismo do antifeminismo cristão desloca suas forças políticas em duas direções: na institucional e nas bases religiosas. Na primeira, as ativistas direcionam seus esforços para ocupar as arenas legislativas, judiciais e executivas, como são os casos emblemáticos de Damares Alves (à frente do Ministério das Mulheres, Direitos Humanos no governo Bolsonaro, 2019-2022), das parlamentares Ana Campagnolo, Carla Zambelli, Cris Tonietto e Bia Kicis, e da jurista católica Angela Gandra (Marsicano, 2024; Tesser, 2022; 2024). Com ações coordenadas, essas ativistas implementaram inúmeras políticas públicas, visando a defesa da família: Estratégia Nacional de Fortalecimento dos Vínculos Familiares (Decreto nº 10.570, de 9 de dezembro de 2020); Observatório Nacional da Família (ONF) (Portaria nº 1.643, de 19 de junho de 2020); Programa Mães do Brasil, com foco na maternidade (Decreto nº 10.987, de nº 8 de março de 2022); Escola Nacional da Família, plataforma de cursos lançada em 2022 para capacitação parental. O direcionamento dessas iniciativas impede o avanço das pautas em favor da diversidade sexual e de gênero, de modo a consolidar uma diretriz política antigênero (Bortolin, 2024, p. 128-131).

A segunda direção que fortalece a militância antifeminista nas bases religiosas se caracteriza, de acordo com a exposição de Machado (2018), pela sinergia que a atuação das militantes desencadeia entre mulheres comuns, fiéis católicas e evangélicas ao promover um engajamento ativo na pauta antigênero, incentivado nas instâncias eclesiais. Como viemos demonstrando, esse engajamento é potencializado com os processos de plataformação, nos quais Chadud, Campagnolo, Brito e Corrêa se inserem nos *marketplaces*, por meio do trabalho colaborativo, e o *e-commerce* para distribuir seus

do Rio de Janeiro), Maria Eugênia Patiño (Universidad Autónoma de Aguascalientes/México) e Olívia Bandeira (Unicamp).

produtos *on-line*. Esse ganha uma difusão extraordinária quando aliado à plataformização e monetização, sob uma mesma proposta devocional e de virtuosidade familiar.

A partir disso, tendemos a concordar com Jordi Bonet i Martí (2022), que propõe o elemento religioso como a especificidade do antifeminismo latino-americano, sugerindo que seu caráter é mais preventivo do que reativo, no sentido de atuar mais intensamente na capilaridade das freguesias religiosas. Enquanto ativismo cristão conservador, vale a pena indicar que o antifeminismo se encontra em consonância com a direita internacional, especialmente a estadounidense, que interpreta o feminismo e a agenda de gênero como uma à ameaça moralidade pública e à supremacia da moralidade cristã (Conger, 2019, p. 10; Mariano, 2016).

Nessa dinâmica reativa e preventiva do ativismo antifeminista, as *influencers* desempenham um papel fundamental. Elas consolidam-se como autoridades espirituais ao construir suas mensagens mobilizando dispositivos teológicos e linguagens institucionais e, depois, porque transformam a customização dos interesses de suas seguidoras (em um processo de recomendação *algoritmizada*) numa ponte entre convicções religiosas e a exigência de cristianizar as estruturas do Estado, além de seu intenso proselitismo digital. Um exemplo disso é como Cris Corrêia e Ana Campagnolo constroem sua autoridade na interseção entre o ativismo político religioso e institucionalizado, e o empreendedorismo digital militante, utilizando-se da estética e da lógica de clubes exclusivos para formar uma base coesa de seguidores(as).

Como *influencers* religiosas, elas objetivam e nomeiam os supostos inimigos do cristianismo – como a “ideologia de gênero”, feministas ativistas pró-aborto legal –, reinventam conteúdos e formatos comunicativos, e se apropriam das linguagens tecnológicas (Carranza e Cunha, 2024, p. 188; Gomes, 2024, p. 263). Mais ainda, nessas dinâmicas as antifeministas mobilizam dimensões emocionais, afetos, desafetos e sentimentos que sacralizam papéis sexuais e hierarquias patriarcais, oferecendo um lugar social a suas trajetórias pessoais, expostas nos testemunhos *instagramáveis*. Como vimos

amplamente em Raíssa Chadud, Mariana Brito e Gabriela Lays Saboia, cuja tônica nas intervenções sustenta-se na autoridade discursiva por meio da experiência pessoal e dos conteúdos da complementaridade sexual que acionam.

As contribuições das antifeministas cristãs parecem ser delineadas com ênfases distintas. As católicas acionam a virtuosidade pela disciplina-rização sensorial e corporal, ao invocar o recato e a modéstia, inscrevendo a domesticidade religiosa como contribuição social. As evangélicas valorizam a proatividade na política e no trabalho. Em ambos os casos, essa atuação é balizada pela teologia da complementaridade, que prescreve um modelo feminino de subserviência e interdependência masculina. Essa gramática doutrinal se expande por meio do mercado de bens simbólicos que funde espiritualidade, estética e empreendedorismo doméstico, transformando o ideal de feminilidade tradicional num estilo de vida pedagógico, catequético e monetizável. No catolicismo, esse arranjo encontra no imaginário medieval a atualização de devoções e saberes naturais como marcadores identitários.

A trajetória das influenciadoras católicas antifeministas encontra um ponto alto na presença de Raíssa Chadud na Igreja Católica. Essa inserção institucional a partir do próprio Vaticano legitima a ação dessas influenciadoras e projeta seus discursos para além do âmbito das redes sociais, conectando-os diretamente às disputas sobre autoridade, moralidade e tecnologia no interior da Igreja Católica. Se o antifeminismo digital parece emergir como movimento periférico, sua legitimação no coração da instituição indica que se trata de um fenômeno articulado, marcado pela presença oficial de representantes como Chadud. Nesse sentido, a Igreja Católica mais uma vez demonstra sua capacidade histórica de adaptação: transforma-se para continuar sendo ela mesma, numa lógica que ecoa o famoso enunciado do escrito Giuseppe Tomasi di Lampedusa (1896 -1957), “mudar tudo para que tudo permaneça igual”.

Assim, o pensamento do Vaticano está sendo popularizado graças à forte articulação entre as linguagens modernizantes e a significativa difusão no mercado editorial tradicionalista, além da circulação digital e presencial

entre as *influencers*. De tal forma que há um deslocamento estratégico dos documentos pontifícios e discussões teológicas para os formatos digitais, elevando a potencialidade da teologia da complementaridade. Embora o antifeminismo não seja exclusivo do catolicismo, sua formulação teológica sobre a complementaridade, e sua posterior difusão devocional, é nitidamente de origem católica, sendo seus conteúdos reinscritos digital, comercial e performativamente.

Confirmamos, então, a nossa hipótese de que a Teologia da Complementaridade sustenta a cosmovisão dessas *influencers* antifeministas, explicitando um direcionamento discursivo sobre o propósito divino da complementação e subordinação das relações heteronormativas. Porém não é mais a defesa de uma subordinação masculina clássica, mas uma subordinação recíproca de adesão feminina (mulheres produzindo subordinação). Assim sendo, essa perspectiva contribui com a naturalização de uma visão binária das relações sociais e sexuais.

A teologia da complementaridade estrutura a matriz normativa das antifeministas cristãs, sendo o propósito divino o álibi que legitima a complementaridade recíproca e a perpetuação da subordinação das mulheres, preservando a assimetria de gênero e a naturalização de um binarismo que se prolonga nas relações sociais e sexuais. Esse pilar teológico de feminilidade, maternidade e virgindade é atualizado no ativismo antifeminista cristão, perpetuando o legado pontifício. Importa frisar que, no caso católico, essa doutrina não se restringe aos documentos doutrinários, mas forma parte de toda uma estrutura do Vaticano, com seus organismos oficiais, movimentos eclesiais, campanhas e políticas antigênero, que vêm desempenhando um papel decisivo na formulação e difusão do discurso antifeminista sobre sexualidade, direitos reprodutivos, gênero e feminismos.

Para concluir, retomamos a segunda chave analítica que orientou esta reflexão, discutida no Seminário Internacional de 30 anos do PAGU. A provocação feita por Vaggione durante o evento nos convida a deslocar possíveis preconceitos. Há intelectuais que rebaixam a produção popular conservadora por seu caráter mercadológico para reconhecê-la como um

outro regime de saber e forma de construção de conhecimento. Nossa pesquisa evidenciou a necessidade desse deslocamento, ora pela profusão de conteúdos e de investimentos das antifeministas cristãs analisadas, ora pelo impacto de sua difusão, mensurável nos indicadores de seguidores(as), como também por sua capacidade formativa e efetiva.

Ao mesmo tempo, acreditamos que essa experimentação teológica, por meio de doutrinas simplificadas, conteúdos ajustados ao *marketing* religioso e a autoridade espiritual disputada, entra em choque com a teologia feminista e com outros saberes dos movimentos feministas. Nessa fricção o ativismo antifeminista cristão consolida sua identidade, trazendo novas implicações políticas, num contexto religioso por demais fraturado pela polarização social, mas esse é tema para outro artigo.

REFERÊNCIAS

- AGENDES, Daniela Silva. Casamento, mulheres e antifeminismo no Instagram: uma análise de discurso do perfil de Mariana Brito Garschagen. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 17, n. 1, p. 192-204, 2023.
- BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. *Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2020.
- BONET I MARTÍ, Jordi. Antifeminismo: una forma de violencia digital en América Latina. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 302, nov./dez. 2022.
- BORTOLIN, Paula. *A família do governo Bolsonaro: direitos humanos, política anti-gênero e a moralidade de todos*. 2024. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/Unicamp, Campinas, 2024.
- BURGGRAF, Jutta. “Gênero”. In: Conselho Pontifício para a Família (org.). *Lexicon: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*. Rio de Janeiro: Edições CNBB, 2003, p. 453-62.

CARRANZA, Brenda. La derecha cristiana brasileña: proyecto de poder político. In: GUADALUPE, José Luis Pérez (org.). *Pastores y políticos: el protagonismo evangélico en la política latino-americana*. Lima: Instituto de Estudios Social Cristianos/Konrad Adenauer Stiftung, p. 47-87, 2022. Disponível: <https://www.kas.de/pt/web/brasilien/einzeltitel/-/content/novo-ativismo-politico-no-brasil>. Acesso em: 10/06/2026.

CARRANZA, Brenda; CUNHA, Magali. *Mídia religiosa brasileira: caixa de ressonância de desinformação*. Porto Alegre/Paris: Sulina; CNRS Éditions, 2024.

CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021.

CAMURÇA, Marcelo; BRUM, Asher; SILVEIRA, Emerson José Sena da. Todos os caminhos levam a Roma e à Casa Branca: os fluxos da direita religiosa católica para o Brasil a partir dos EUA de Trump e do entorno tradicionalista do Vaticano. *Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v. 23, p. 1-40, 2021.

CAMURÇA, Marcelo. A relação do catolicismo com o governo Bolsonaro: entre o apoio dos setores conservadores e a crítica das instâncias institucionais e dos movimentos progressistas. *Debates do NER*, Porto Alegre, p. 207-234, 2023.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Tradicionalismo e conservadorismo católicos: as ideologias em jogo. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 29 jul. 2011. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45840-tradicionalismo-e-conservadorismo-catolicos-as-ideologias-em-jogo-entrevista-especial-com-rodriogo-coppe-caldeira>. Acesso em: 9/02/2025.

CONGER, Kimberly H. The Christian Right in U.S. Politics. *Oxford Research Encyclopedia of Politics*, set. 2019. Disponível em: <https://oxfordre.com/politics/view/10.1093/acrefore/9780190228637.001.0001/acrefore-9780190228637-e-810>. Acesso em: 13/08/2025.

DIAS, Maria Olívia. O papel da mulher na família, na sociedade e na Igreja nos documentos pontifícios de Leão XIII a João Paulo II. *Didaskalia*, Lisboa, v. 29, n. 1-2, p. 353–373, 1999.

DUBY, Georges. *Damas do Século XII: A Lembrança das Ancestrais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ELMHIRST, Sophie. The rise and fall of the trad wife. *The New Yorker*, n. 100, 29 mar. 2024. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/persons-of-interest/the-rise-and-fall-of-the-trad-wife>. Acesso em: 13/08/2025.

GAGO, Verónica. *La potencia feminista, o el deseo de cambiarlo todo*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2019.

GARBAGNOLI, Sara. "L'ideologia del genere": l'irresistibile ascesa di un'invenzione retorica vaticana contro la denaturalizzazione dell'ordine sessuale. *About Gender – Rivista internazionale di studi di genere*, Génova, v. 3, n. 6, 1 nov. 2014.

GOMES, Vinicius Borges. Premissas teóricas: a direita católica e a conjuntura socioeclesial. In: MEDEIROS, Fernanda de Faria et al. (org.). *Influenciadores digitais católicos*. São Paulo: Ideias & Letras/Paulus, p. 259-309, 2024.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *A invenção da "ideologia de gênero": um projeto reacionário de poder*. Brasília: Letras Livres, 2022.

LAVAGGI, Constanza. Elisabeth Fiorenza. In: AZCUY, Virginia; MAZZINI, Maria Marcela; RAIMONDO, Nancy (org.). *Antología de textos de autoras en América Latina, el Caribe y Estados Unidos*. Buenos Aires/São Paulo: [s. n.], p. 449-471, 2008.

MACHADO, Maria das Dores Campos. A vertente evangélica do neoconservadorismo brasileiro. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (org.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer, p. 271-285, 2020.

- MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 447-463, 2018.
- MARIANO, R.. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores: Secularização e pluralismo em debate. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 16, n. 4, p. 708-726, out. 2016.
- MARSICANO, Ana Carolina. *Os leigos cristianizam o mundo: católicos e política antigênero no governo federal (2019-2022)*. 2024. Tese (Doutorado em Sociologia) – PPGS/UFPE, Recife, 2024.
- MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-747, set./dez. 2017.
- NAVARRO, Brenda. *Casas vazias*. Trad. Livia Deorsola. Porto Alegre: Tag Dublinense, 2022.
- MELO, Flávia. O gênero e o fim do mundo: ofensivas antigênero no Brasil. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; HENNING, Carlos Eduardo (org.). *Desafios e resistências em gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo*. Goiânia: Cegraf UFG, 2024. p. 163-196.
- O’LEARY, Dale. *The gender agenda: redefining equality*. Lafayette: Vital Issues Press, 1998.
- PINK, Sarah et al. *Digital ethnography: principles and practice*. London: SAGE, 2016.
- ROSAS, Nina. *Mulher, pra quê religião? Uma crítica aos conselhos conservadores da pastora Ana Paula Valadão*. [S. I.]: KDP, 2020.
- SABOIA, Gabriela. *Não Existe Cristã Feminista (subcapítulo)*. Editora Vida, 2024.
- SALES, Lilian. O ativismo católico: bioética, direitos reprodutivos e gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 3, 2021.

SANTOS, Jacqueline Sant'Ana Martins dos. Femininas, modestas e anti-feministas: o ativismo on-line de mulheres católicas tradicionais. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, e440304, 2024.

TESSER, Tabata Pastore. *Entre terços e palanques: ativismos de deputadas católicas antifeministas na Câmara Federal*. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião/ PUC-SP, São Paulo, 2022.

TESSER, Tabata Pastore. Antifeminismos e religião: trajetórias e disputas de deputadas católicas na arena legislativa. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 44, p. 13-49, 2024.

TOLEDO, Geraldo; NAKAGAWA, Marcelo; YAMASHITA, Sandra. O composto de marketing no contexto estratégico da internet. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 34-78, 2002.

VILLAZON, Julio Córdova. Velhas e Novas direitas religiosas na América Latina. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião et al. *Direita, Volver!* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 163-175, 2015.

CURSOS VIRTUAIS ANTIFEMINISTAS REFERIDOS

CHADUD, Raíssa. *Formação Catolicismo na Prática, por Raíssa Chadud*. Curso on-line. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/formacao-catolicismo-na-pratica/M95375054W>. Acesso em: 7/09/2025.

CAMPAGNOLO, Ana. *Clube Antifeminista, por Ana Campagnolo*. Curso on-line. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.anacampagnolo.com/cursos/>. Acesso em: 7/09/2025.

CÔRREA, Cris. *Comunidade Secreta, por Cris Côrrea*. Curso on-line. Disponível em: <https://cristianecorrea.com.br/secrets/>. Acesso em: 7/09/2025.

BRITO, Mariana. *Desconstruindo o feminismo, por Mariana Brito*. 2022. Curso on-line. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/desconstruindo-o-feminismo/G59187772Y>. Acesso em: 7/09/2025.

BRITO, Mariana. *Mentoria Caminho, por Mariana Brito*. 2023. Curso on-line. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/mentoria-caminho-por-mariana-brito/T99575283D>. Acesso em: 7/09/2025.

CHADUD, Raíssa. *Projeto Viriditas, por Raíssa Chadud*. Curso on-line. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/projeto-viriditas/Q98197575P>. Acesso em: 7/09/2025.

Recebido em: 26/09/2025

Aprovado em: 05/03/2026